

## Inventando o Futuro

Cláudia Queiroz

### KIRIKU E A FEITICEIRA: NOTAS SOBRE CONCEITOS DE MICHEL DE CERTEAU EM UM FILME DE ANIMAÇÃO.



Cena do filme Kiriku e a Feiticeira Karabá

*Kiriku e a Feiticeira*, de Michel Ocelot, é um dos poucos filmes de animação de temática africana feito para as telas do cinema, direcionado para o público infantil e ainda com um relativamente amplo circuito de divulgação.

Este desenho animado tem como personagens homens, mulheres e crianças de uma tribo da África subsaariana, e seus realizadores demonstram um cuidado estético fabuloso ao introduzir quem assiste neste universo simbólico-cultural. Um exemplo disso é como aparece ali a figura ancestral do *griot*(1), os valores do grupo, o respeito aos saberes dos mais velhos, a dança, a música e dos poderes do gênero feminino. Quanto a isso, nos escreve Sousa, analisando as formas pelas quais os significados do poder feminino são observáveis na narrativa do filme e nos lembrando que “Na cultura Iorubá afro-brasileira, as Iya Mi são conhecidas como as proprietárias de uma grande cabaça e de um pássaro. Ambos os símbolos integram a animação”. (SOUSA, 2007.p.125).

O filme narra a história de um herói minúsculo – Kiriku - cheio de astúcia. Em um dos momentos que uma mulher da aldeia se surpreende com as peripécias de Kiriku e ao se referir ao herói ela diz:

- *“Ele é minúuuuscuro”*.

Kiriku, o herói minúsculo, quase invisível, usa a lógica da ocasião para subverter os contratempos. Podemos entender, à luz dos conceitos ceriteunianos, que Kiriku representa o sujeito comum, (Certeau, 1994.p.59), achatado, em meio à multidão, submetido aos limites impostos, pelo domínio e a autoridade de Karabá, a feiticeira. Entretanto, diante dos obstáculos em que vive, como a falta d'água e de alimento, o roubo das riquezas de sua aldeia e a violência, nosso herói se mostra astuto. Certamente ele não tem a intenção explícita de acabar com o sofrimento de seu povo, nem propõe uma luta armada e organizada contra o opressor.

*“O herói, diferentemente de muitos heróis famosos, não possui armas ou poderes mágicos. Diante da situação ou desafio vivenciado, busca alternativas. Além disso, não expressa sentimentos de ódio ou desejo de eliminar Karabá. Mais do que combater, ele quer compreender e saber os motivos de tanta maldade”*. (Sousa, 2007.p.125).

Cena após cena, Kiriku vai desviando-se das situações impostas que se colocam. A seu favor, só a “trampolinagem” (Certeau, 1994), esta é a sua tática.

Em várias partes do filme, o protagonista usa recursos que estão disponíveis em cena e num piscar de olhos reutiliza a seu benefício, rápido como uma inteligência “que age na ocasião”, característica – entendemos ainda como Certeau – dos praticantes comuns do cotidiano. Às vezes ele engana a feiticeira, dando a ela a ilusão que

o chapéu é mágico; em outra cena, o herói se esconde e substitui o chapéu por outro feito de folhagens, só traquinagens. Disfarça-se, se perde e se acha por um labirinto. Sem deixar rastro no terreno do inimigo, confunde o guardião de Karabá, aquele que do alto tudo vê. Camufla-se com penas de pássaro ou conduz um javali que o atormentava pela montanha proibida. O saber está dentro de sua prática, conforme o cotidiano apresenta-se ao herói, este vai articulando com que tem do lugar e com outros (personagens) a sua volta. “Corre, Corre o furão: mil maneiras de fazer com”. (Certeau, op. cit., p. 91)

Compreendendo assim, “Kiriku”, um herói minúsculo, a luz de Certeau, é possível pensar inclusive a escola. A proposta do autor nos leva ao entendimento de que é preciso contrapor à tendência histórica de olhar para o espaço escolar valorizando uma racionalidade única, uma forma linear de ver o tempo, a compartimentalização do conhecimento, uma outra forma de ver o cotidiano. Entendo que Certeau sugere que uma maneira simplificadora de ver o cotidiano como algo menor implica diretamente e com o desprezo aos sujeitos comuns e suas práticas. Estou certa ainda de que nossas escolas, nas periferias, estão repletas de heróis minúsculos que no cotidiano inventam através de suas práticas, re-inventando enquanto isso suas identidades.

.....

### **Sobre o (a) autor (a):**

√ Cláudia Queiroz: Professora da Escola Municipal de Ed. Infantil Ana de Barros Câmara, mestranda em Educação pelo ProPEd-UERJ, membro do grupo de pesquisa “ Narrativas, memórias e atualização identitária em contextos educativos”.

**Referências bibliográficas (ou textuais):**

- **(1)Contadores de histórias de muitos lugares da África Ocidental, que guardam as memórias e os conhecimentos dos grupos.**
- **CERTEAU, M. De. A Invenção do Cotidiano. Artes de Fazer. Petrópolis: Vozes, 1994.**
- **SOUSA, Andréia Lisboa. A Saga de um Herói: entre o espinho da dor e o poder do amor. In. SOUSA, Edileuza (org.). Negritude Cinema e Educação. Belo Horizonte: Mazza Edições. 2007.**